DE PORTUGAL A MACAU

FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS

Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

Ficha técnica

Título: De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2017

ISBN: 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO DO BRASIL EM LEONARDO COIMBRA

Susana Rocha Relvas

CEFi – Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
9335729038 | sssrrelvas@yahoo.com.br

Resumo: Este ensaio pretende refletir sobre o imaginário e representação do Brasil em Leonardo Coimbra, problematizando, por um lado, esta área de estudo, que nas últimas décadas tem testemunhado um impulso considerável, e, por outro lado, aprofundar as efetivas relações culturais do autor com a intelectualidade brasileira. O pensador da Renascença Portuguesa constrói uma hermenêutica utópica das terras de Vera Cruz, na sua configuração geográfica, histórica e social ao mesmo tempo que contribui, como agente cultural, para uma efetiva aproximação luso-brasileira.

Palavras-chave: Leonardo Coimbra, imaginário, representação.

Abstract: This essay intends to reflect on the imaginary and representation of Brazil in Leonardo Coimbra, problematizing, on the one hand, this area of study, which in the last decades has witnessed a considerable impulse, and, on the other hand, to deepen the author 's effective cultural relations with the Brazilian *intelligentsia*. The Renascença Portuguesa's thinker constructs a utopian hermeneutics of the lands of Vera Cruz, in its geographic, historical and social configuration, while contributing, as a cultural agent, to an effective Portuguese-Brazilian approach.

Keywords: Leonardo Coimbra, imaginary, representation.

Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, o movimento cultural da Renascença Portuguesa ocupa, no panorama cultural português, lugar de destaque, quer pelo original sistema filosófico, que alia o Saudosismo de Teixeira de Pascoaes ao Criacionismo de Leonardo Coimbra, quer pela ação cultural, cívica e pedagógica que desenvolve, divulgando a literatura portuguesa, intervindo em causas sociais e estabelecendo pontes no espaço ibérico e ibero-americano. Seguindo uma tradição de aproximação ao Brasil, cultivada pelos mestres Teófilo Braga, Sampaio Bruno e Guerra Junqueiro, a representação do Brasil, real e utópica, marcará tanto o percurso da Renascença Portuguesa como o de Leonardo Coimbra. Dotado de uma vocação humanista que lhe confere um entendimento do cosmos como mónadas livres em solidariedade, e, ciente da importância cultural do espaço lusófono para o mundo moderno, as terras de Vera Cruz permanecem no seu imaginário, fruto das leituras dos seus escritores, e a esse país irmão dedicará inúmeras páginas de sentido e reconhecido apreço.

Cumpre, todavia, numa brevíssima exposição, abordar o problema do imaginário e da representação filosófica, cultural e social como conceitos dinâmicos, que se articulam em função de matrizes identitárias e ideológicas que, como viu Pierre Bourdieu (1989), são determinadas por grupos sociais e assumidas, segundo Emile Durkheim, e mais recentemente, Alexander Wendt (1992, 2010), como representações coletivas, num determinado contexto histórico. Por sua vez, François Laplantine (1974), na sua teoria tridimensional do imaginário, considera que o messianismo, a utopia e o sentimento de posse emergem no imaginário coletivo em momentos de crise, procurando na experiência do sagrado e na vivência dos mitos, uma ontologia do ser na sua relação com a pátria e o cosmos. Imaginário e representação revestem-se, deste modo, de valor simbólico, mítico e utópico porque, coletivamente assumido, muitas vezes, apropriado pelo poder político, e situado no plano imaterial da quimera.

Assim sucede no Portugal das primeiras décadas do século XX, quando apesar de se viverem distintas temporalidades, entre a tradição e a modernidade, poder, ideologia e cultura unem esforços para estreitar relações transatlânticas. Os governos da Primeira República portuguesa e o movimento da Renascença Portuguesa, a par de outros movimentos congêneres (Integralismo Lusitano,

Orpheu e Seara Nova) e agentes culturais como António Sérgio, Carlos Malheiro Dias ou João de Barros, dão início a uma campanha nacionalista, assente nos valores da raça (Branwen Jones[1], 2008) e na vocação atlântica e universalista de Portugal, que conduziu à expansão da cultura portuguesa no mundo e à criação de novas nacionalidades. Surge, neste contexto, o luso-brasileirismo, como ideário identitário e estratégico de aproximação entre Portugal e Brasil, num momento crucial da história mundial, marcada por crises e hegemonias políticas, económicas e culturais protagonizadas por correntes como o Hispanismo, o Germanismo ou o Pan-americanismo. Este é um momento, igualmente, crucial na história do Brasil, que procura uma identidade própria, que se constrói, não raras vezes, pela inconfidência ou revolução, em manifesta resistência ao domínio português (Müller, 2011).

Não obstante, a história literária e cultural luso-brasileira enriquece-se de trânsitos e mútuas influências e convergências. É sabida a ascendência poética de António Nobre[2] em Alphonsus Guimarães e Manuel Bandeira[3], a autoridade do poeta parnasiano Gonçalves Crespo em Portugal ou a de Eugénio de Castro, Cesário Verde e Fernando Pessoa no Brasil[4], para citarmos apenas algumas das inúmeras conexões. Por outro lado, o exotismo das terras brasileiras, que alimenta o imaginário popular e erudito português, tem reflexos na sua criação literária e filosófica, assumindo o Brasil uma dimensão simbólica e, mesmo, utópica pontificada, na esteira de Padre António Vieira, pela ideia de missão universal, sobressaindo a matriz saudosa e messiânica da cultura portuguesa. Visão perfilhada pelo movimento das Renascença Portuguesa, nos seus mentores Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, e que se estende aos estudos de Fernando Pessoa, Damião Peres[5] ou Jaime Cortesão[6] sobre o Brasil. Em torno de

---

[1] Branwen Jones. "Race in the Ontology of International order", *Political Studies*, vol. 56, 2008, pp.907-927.

[2] Cf. João Alves das Neves. "A influência de António Nobre na poesia brasileira". *Ocidente*, vol. LXXII, nº 355, nov. 1967, pp. 194 -211.

[3] Poeta de transição entre o simbolismo, até *Ritmo Dissoluto* de 1924 e o Modernismo, a partir de *Libertinagem* de 1930, não se considera membro da nova estética que se afirma, em 1922, na Semana da Arte Moderna de São Paulo. Apesar de as suas influências do simbolismo português residirem, sobretudo, em Eugénio de Castro, Manuel Bandeira dedica um poema a António Nobre no seu livro *A Cinza das Horas*, publicado em 1917.

[4] Cf. Estudo de Ariano Suassuna. *Olavo Bilac e Fernando Pessoa: uma presença brasileira em Mensagem?* Colecção Céu em Fogo, nº1. Lisboa: Arion Publicações, 1998.

[5] Destacam-se as obras História dos Descobrimentos Portugueses (1943), Portugal na História da Civilização (1946) e Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil (1959).

uma identidade coletiva luso-brasileira, unida por indissolúveis laços linguísticos, históricos, culturais e espirituais, é criado um imaginário utópico do Brasil, como ideário e arquétipo de raiz judaico-cristã, tomando as terras de Vera Cruz como "o lugar físico e espiritual donde pode provir a redenção do mundo"[7], como viu Paulo Borges a propósito da Teoria do Brasil de Agostinho da Silva. No entanto, o ideário filosófico e espiritual da Renascença Portuguesa é posto em prática através de um ambicioso programa cultural, sem precedentes na história das relações dos dois países, de criação de redes de sociabilidade, intelectuais e pessoais, privilegiando a dinâmica editorial, a colaboração de autores e o intercâmbio de revistas literárias, procurando reafirmar laços fraternos entre os dois países.

A ação da Renascença Portuguesa no Brasil

Herdeiros de uma hermenêutica cultural luso-brasileira, intensificada a partir da segunda metade do século XIX por doutrinários como Teófilo Braga (1843-1924), Sampaio Bruno (1857-1915) e Guerra Junqueiro (1850-1923), os membros da Renascença Portuguesa são devedores das suas ideias quanto ao lugar que o Brasil ocupa como jovem nação latino-americana no concerto das nações mundiais, e da sua relação com Portugal. Enquanto Teófilo Braga considera a independência do Brasil um "acto de heróico civismo" e defende "uma confederação latina das nações do Occidente"[8], com vista ao fortalecimento cultural e económico dos dois países, Sampaio Bruno[9], no seu livro de charneira para a compreensão da cultura brasileira do século XIX *O Brasil Mental* (1898), advoga não só o estreitar de relações económicas, como um "forçoso comércio de amizade" entre os dois países[10]. Por sua vez, Guerra Junqueiro que, como Sampaio Bruno, exercera

---

[6] Após a tentativa frustrada de derrube da Ditadura Militar, em 1927, que o leva ao exílio em França, Jaime Cortesão ruma ao Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro e aí se dedica ao ensino universitário, ao estudo dos descobrimentos portugueses e à formação territorial do Brasil. Em 1952, organizou a *Exposição Histórica de São Paulo* para comemorar o 4.º centenário da fundação da cidade.

[7] Paulo Borges. *Do Finistérreo Pensar*. Lisboa: INCM, 2001, p. 94.

[8] Teófilo Braga. *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*, vol. I. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1892, p. 116.

[9] Sampaio Bruno terá um papel fundamental na Escola Portuense cuja ascendência se traduzirá na parcial rejeição do positivismo de Comte, na busca de uma metafísica teodiceica: "Neste sentido, o efeito da idealidade sobre a realidade, da transcendência sobre a imanência, do subjectivo sobre o objectivo, não só é primacial como não pode ser nem sequer diminuído, quanto mais, contestadamente, negado". Sampaio Bruno. *O Brasil Mental.* Porto: Lello Editores, 1997, p.25.

[10] "Às considerações de ordem geral económica cumpre aditar aquelas que, mais particularmente, se reportam do feitio psicológico das populações americanas com as quais havemos de entreter um

profunda ascendência sobre os homens da Renascença Portuguesa, mantém ao longo da sua vida estreita relação com o Brasil, desdobrando-se em inúmeras iniciativas. Destaca-se a campanha de apoio ao povo do Ceará, em 1877, com a representação da peça *A Fome no Ceará,* em cena no Teatro D. Maria II, a colaboração na imprensa brasileira, as manifestações de simpatia pela independência do Brasil, onde a sua obra poética obtém grande recetividade[11], a que se somam as diversas tentativas goradas de visitar aquele país, circunstância que o seu pensamento metafísico supera quando afirma: "Não estive ainda no Brasil, mas estou na eternidade e vejo"[12]. O poeta da "Escola Nova" defendia, então, a fusão de todas as raças brasileiras para o equilíbrio e concretização plena das suas capacidades[13], considerando o Brasil "a nova Pátria Portuguesa, com novos heróis e novos descobridores, com novos santos e novos orfeus, novas enxadas e novas liras"[14].

Como órgão da Renascença Portuguesa, a revista *A Águia* terá ação fundamental na aproximação luso-galaico-brasileira, não só inquirindo e identificando, desde a sua formação em 1910, as linhas de força culturais que unem os três povos, mas também promovendo um pensamento nacionalista e espiritualista, que rapidamente se tornou num projeto coletivo de relações transatlânticas sob a égide da Saudade. Como afirma Teixeira de Pascoaes, em 1912, "amamos com especial amor, todas as dádivas espirituais que o Brazil nos envia"[15] e, nesse sentido, a revista dá início à divulgação dos autores brasileiros cultores de temáticas intimistas e reflexivas, de gosto finissecular, como Carlos Maul, Vicente de

---

forçoso comércio de amizade. E, dada a natural reciprocidade de relações, se a Portugal convém saber o que seja o Brasil e como é que ele pensa, análoga notícia ao Brasil interessa, igualmente, pelo que a nós se refere e pelo que nós dele ajuizamos". Ibidem, p.19. Cf. António Paim. "Sampaio Bruno e o primeiro momento de reaproximação Luso-Brasileira". *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos 1850-1950.* Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda; Porto: Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto, 2002, pp. 51-65.

[11] Como Leonardo Coimbra, Guerra Junqueiro planeia, ao longo da sua vida, diversas visitas ao Brasil que nunca se realizam. Não obstante, priva com D. Pedro II do Brasil e com os poetas Joaquim Nabuco e Olavo Bilac, entre outros poetas brasileiros do seu tempo. In Henrique Manuel S. Pereira. "Guerra Junqueiro e o Brasil. Diálogo e Recepção da Obra". *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos 1850-1950.* Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda; Porto: Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto, 2002, pp. 127-162.

[12] João do Rio. *Portugal d'Agora. Lisboa, Porto, notas e viagem, impressões*. Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, 1911, p. 281.

[13] João do Rio. *Portugal d'Agora: Lisboa, Porto, notas e viagem, impressões*. Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, 1911, pp.280-281.

[14] "Brasil-Portugal", discurso pronunciado na sessão dedicada à Olavo Bilac, em 2 de abril de 1916. In: Guerra Junqueiro. *Prosas Dispersas*. Porto: Chardron, 1921, p.109.

[15] *A Águia*, Porto, 2ª série, nº2, fevereiro 1912, p. 216.

Carvalho, Coelho Neto, Homero Prates, João Luso, Ronald de Carvalho, Lima Barreto, Gonzaga Duque, Almáquio Dinis, Carlos Magalhães de Azeredo ou Mário de Alencar. A par da colaboração dos poetas brasileiros, a revista dedica na seção "Bibliografia" recensões literárias a cargo de Januário Leite, Teixeira de Pascoaes, Flexa Ribeiro e João Ribeiro[16] e a série "Carta do Brasil", da autoria de Álvaro Pinto[17], ocupando-se dos mais variados temas sociais, económicos e literários que se relacionam com os dois países. Com a fundação da editora Anuário do Brasil intensifica-se, a partir de 1920, a colaboração brasileira na revista, e aposta-se na criação de Centros literários e artísticos promotores da literatura portuguesa no Brasil e da produção literária brasileira, em Portugal, conforme se anuncia:

"Desde seus princípios a *Águia* e *Renascença Portuguesa* têm sido nobremente acarinhadas pelo Brasil, que a todas as obras de cultura e educação sabe dar sempre um quinhão valioso de sua generosidade. Cumpre hoje, mais do que nunca, corresponder a essa bela camaradagem com um estudo mais completo e minucioso de tudo quanto no país irmão possa interessar nossa literatura, nosso desenvolvimento comercial e industrial e mesmo nossos costumes"[18].

Leonardo Coimbra e o Brasil – imaginário, representação e ação

Na abordagem de Leonardo Coimbra ao problema do Brasil, devemos considerar uma teoria e uma práxis, no âmbito da sua diversificada e abrangente teoria da cultura. É sob o signo do mito e da transcendência que se radica a narrativa do pensador português em torno da construção imagética e da representação do Brasil. Circunscrito ao microcosmos da sua terra natal, simultaneamente, local e universal, Leonardo deixa-se cativar pela natureza macro cósmica brasileira e pela sua riqueza multirracial e multicultural, em reconhecimento e exaltação de uma nova civilização constituída pelo *homo brasilicus,* simbiose das três raças, mostrando como o Guarani adora o deus Tupã, o africano presta culto a Puluga e o

[16] Como é o caso dos comentários de José de Flexa Ribeiro sobre *Fruta do Mato* de Afrânio Peixoto e de João Ribeiro sobre a *Comédia Urbana* de João Luso*,* extraídos do jornal "Correio Paulistano" *in "Bibliografia", A Águia*, Porto*,* 2ª série, vol. XVII, N.º 101-102, maio- junho, 1920, pp. 197-198.

[17] *A Águia*, 3ª série, vol. I, N.º 2, ago. 1922, pp.73-75; ibidem, vol. I, N.º 5, nov. 1922, "Notas e Comentários", pp.175-178 e ibidem, vol. II, N.º 8, fev. 1923, "Carta do Brasil", pp.76-80.

[18] *A Águia*, Porto, nºs 101 e 102, maio e junho, 1920, pp. 187-196.

português se rende ao "Deus-Saudade"[19], aproximando-se do que António Quadros, sintetiza como o modo como a cultura portuguesa sonhou o Brasil:

> O Brasil [...] é ele próprio um outro mito, mito da Ilha Encantada ou da Terra da Promissão, interior ao ideal axiológico e teleológico de uma civilização nova, pletórica de potencialidades, juventude do mundo, genésica na sua natureza exuberante e viçosa, mas mergulhando ao mesmo tempo nos longos rios agora convergentes das suas três raças em processo de aculturação e de união, de onde surgiria o homem de ouro do amanhã (Quadros, 2001: 223-224).

As características morfológicas e anímicas do povo brasileiro, que lhe conferem "indefinidas possibilidades criadoras"[20], ajustam-se ao pensamento antropagógico de Leonardo Coimbra que, como nota Sant'Anna Dionísio, radica "no mundo invisível das almas, nas secretas forças espirituais do povo - esse mar, de cujas funduras, quando menos se espera, emergem grandes valores que são verdadeiros prodígios, e jamais no inventário quantitativo das suas grandezas físicas que ele via a essência da alma do grande e amorável país"[21]. Esta teoria multiculturalista luso-afro-brasileira que Leonardo traça, com especial sensibilidade e acerto, na década de vinte, vai ao encontro das correntes nativistas brasileiras de oitocentos (Castro Alves, José de Alencar ou Catulo Cearense), do pré-modernismo de Graça Aranha e Euclides da Cunha e, mais tarde, do movimento modernista brasileiro de Oswald de Andrade, autor do Manifesto Antropofágico (1928)[22], ou de Gilberto Freyre, criador do luso-tropicalismo. Teoria que não se afasta totalmente do pensamento decolonial, hoje conhecido e amplamente debatido na América Latina[23], a favor de uma diversidade rácica, cultural e epistémica dos povos do sul subordinada, todavia, na perspetiva de Leonardo Coimbra, à prevalência da matriz cultural portuguesa no mundo lusófono.

---

[19] Documento manuscrito, sem data e sem assinatura, existente no Espólio de Leonardo Coimbra, Universidade Católica do Porto.

[20] Sant'Anna Dionísio. "A alma...". *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 14 de junho de 1982, p. 6.

[21] Idem.

[22] Metáfora cultural criada por Oswald de Andrade (1890-1954), inspirada no ritual de antropofagia praticado pelos índios Tupinambá no período pré-colonial e fruto da formação filosófica europeia com as leituras de Montaigne, Nietzsche, Freud, é a prova que "digerir" o modelo cultural europeu é uma forma de o assimilar para regressar à originalidade da cultura brasileira.

[23] Vejam-se, a propósito, os estudos de Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel (comp.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007 e de Boaventura Sousa Santos e Maria Paula Meneses, *Epistemologias do Sul*. Almedina, 2009.

Assim, considerando a Saudade a "forma lusitana da criação"[24], Leonardo presta homenagem à "América dos Portugueses que tiveram 'saudades do futuro'", concretizando, pela sua mão, o "triunfo da civilização greco-latina"[25] e que, ao mesmo tempo, se converte numa vocação espiritual "entre a pátria e todas as índias que se atingem e aquela índia de miragem, que não é nenhuma destas e sempre se procura e deseja"[26]. Leonardo concebe, deste modo, o Brasil como uma comunidade imaginada (B. Anderson, E. Said, Rojas Mix), uma nova territorialização do espírito e da memória, simultaneamente, utópica e distópica. Como prolongamento de Portugal, o Brasil é o país da esperança, "testamenteiro de nossa riqueza espiritual e herdeiro da nossa língua"[27], a edénica canaá, "Terra de Ninguém" / Terra de Promissão", onde se oculta o "sagrado horror" da natureza pletórica que cabe ao homem enfrentar e, sobre a qual o pensador irá refletir nos ensaios "'Canãa' de Graça Aranha", editado em *Claridade*, e "'Judas dos Seringueiros'", publicado em *Mocidade*, ambos de 1929. Perscrutando temas inquiridos na sua tese criacionista, Leonardo declara-se rendido à "alma profunda de Graça Aranha" que "nos dá um pequeno mundo dostoeivskiano nas terras do Brasil" (Dispersos IV, 1992, p.244) e destaca o "sentido trágico" do episódio extraído de *À Margem da História* de Euclides da Cunha, como uma das mais expressivas e representativas passagens da Literatura Brasileira. Em diferentes ocasiões o Tribuno expressará admiração pela cultura brasileira, fazendo notar a "majestade dos seus *oradores*" e a "ternura dos seus *poetas*"[28], o "ardor" literário de Catulo Cearense e Olavo Bilac[29], o "humor indefinível" de Machado de Assis[30], a

---

[24] "O regresso ao Paraíso". *Dispersos I - Poesia Portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1983, p. 78.

[25] "Homenagem ao Jornalista Brasileiro Dinis Júnior". *Cartas, Conferências, Discursos e Entrevistas* Lisboa: Fundação Lusíada, 1994, p.266. Daqui em diante *CCDE.*

[26] "Sobre a Saudade". *Dispersos III - Filosofia e Metafísica*. Compilação, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel. Nota preliminar de Francisco da Gama Caeiro. Lisboa: Editorial Verbo, 1988, pp.137-138.

[27] Alberto de Oliveira. *Palavras Loucas*. Porto: Livraria Civilização, 1984, p.160.

[28] José Augusto Sant'Anna Dionísio . "Pesquisa e Definição Anímica das Pessoas e dos Povos". *O Primeiro de Janeiro*, Porto, nº275, 12 de outubro de 1981, p. 4. In *Leonardo Coimbra: Testemunhos dos seus Contemporâneos.* Compil. Adolfo Casais Monteiro. Porto. Livraria Tavares Martins, 1950, pp. 306-311.

[29] O poema épico *O Caçador de Esmeraldas* reabilita a figura do bandeirante que se empenhou na expansão dos territórios mais inacessíveis do Brasil.

[30] Neste interessante artigo Sant'Anna Dionísio pretende reconstituir as considerações de Leonardo Coimbra aquando da recepção do jornalista brasileiro Dinis Júnior. Aí, o filósofo português apresenta a sua visão sobre a "verdadeira imagem do Brasil". In "A Alma de um País não se confere pela superfície ou Magnitude do seu Corpo". *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 14 de junho de 1982, p. 6. Machado de Assis (1839-1908) analisa a alma humana das suas personagens, servindo-se do humor irónico que as torna universais, "indizível espírito, ao mesmo tempo cervantino e camiliano, do

"dignidade eloquente de um Nabuco"[31] ou o misticismo poético de Coelho Neto (1864-1934)[32], considerando que nas suas obras "há um vago crepúsculo de recordações de além vida"[33].

Se Portugal é "uma ansiedade de terra mergulhando no mar" e o Brasil é a "meta do nosso destino heroico"[34], que "se alimenta da mesma ardente e criadora espiritualidade», "Portugal e Brasil são duas saudades …"[35] unidas numa identidade renovada, de cósmica e solidária relação espiritual. Cabe, então, a Portugal e ao Brasil cultivarem os ideais de fraternidade, justiça e amor[36], num "crescimento para Deus"[37], vencendo a "torrente da Fatalidade" que a todo o ser humano acomete, "como o próprio curso dum Amazonas cósmico"[38].

Por mais de duas décadas Leonardo Coimbra dedica ao Brasil as mais carinhosas homenagens, acolhe calorosamente embaixadores e jornalistas brasileiros, que visitam Portugal e intervém em empenhadas campanhas culturais e causas sociais de aproximação luso-brasileira, como a sua intervenção, em 1920, a favor dos pescadores portugueses da Póvoa do Varzim, repatriados em virtude de recusarem a naturalização brasileira. Leonardo confere a este problema uma interpretação saudosa do fenómeno da imigração e opta por um discurso otimista, de exaltação das suas qualidades: "Partiram e, ao dobrar dos dias na imensidão dos mares, uma presença tão viva como a não sonharam erguia-se diante de seus líquidos olhos de saudade…"[39].

---

translúcido do autor das *Memórias de Braz Cubas*, o incomparável vidente anímico, luso-brasílico, Machado de Assis!".

[31] Joaquim Nabuco e Leonardo Coimbra possuem em comum o culto a Camões e interessaram-se seriamente pela política, pela cultura e pelos problemas sociais dos seus países. Os estudos republicanos e antiescravagistas de Nabuco contribuíram para o conhecimento de Leonardo sobre a realidade brasileira. Nabuco rejeitara o conceito pan-americanista defendido por Oliveira Lima e defende uma "nacionalidade etnológica, moral, intelectual, estética". In Carta de Jaime Batalha Reis dirigida a Oliveira Lima, 30 de janeiro de 1910. In Elza Mine. "Perfis de Nabuco em textos inéditos de Jaime Batalha Reis e Manuel de Oliveira Lima". *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, nº6, Primavera, "Brasil-Portugal", 2000, pp. 226-227.

[32] De Coelho Neto, Leonardo leu *Immortalidade*. Porto: Livraria Chardron, 1925.

[33] "Entrevista: no segredo dos deuses". *Última Hora*, Porto, ano I, nº6, 11 de março de 1922. *CCDE*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994, p.119.

[34] "O Dia do Brasil". *CCDE*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994, p.135.

[35] "Entrevista: no segredo dos deuses" concedida a Ângelo César onde este apresenta as ideias e motivações de Leonardo Coimbra face ao convite recebido. Publicado em *Última Hora*, Porto, ano I, nº 6, 11 de março de 1922, p. 2. In *CCDE*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994, p.118.

[36] "Ao Embaixador do Brasil". *CCDE*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994, p. 264.

[37] "Homenagem ao Jornalista Brasileiro Dinis Júnior". *CCDE*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994, p.266.

[38] "A Arte e a sua Significação". *Dispersos I – Poesia Portuguesa.* Lisboa: Editorial Verbo, 1984, p.55.

[39] Ibidem, p.295.

Enquanto Ministro da Instrução, Leonardo Coimbra apoia, em 1919, a edição da *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, de Carlos Malheiro Dias "testemunho de louvor à Colónia portuguesa do Brasil", salientando "a importância dessa iniciativa, não só no ponto de vista patriótico, mas ainda pelas úteis consequências que poderá vir a ter nas relações entre os dois países, a que tanto convêm dar desenvolvimento"[40]. Mas é, em 1926, quando Leonardo apresenta em sessão parlamentar o seu projeto educativo intitulado *O Problema da Educação Nacional*, que o pensador manifesta, com mais clareza, a sua posição face ao Brasil e às colónias portuguesas, destacando o papel relevante da língua portuguesa, como estrutura simbólica que constitui a base ideológica congregadora de povos sob o mesmo ideal coletivo, convertendo-se no que Mabel Moraña define, referindo-se ao Castelhano, como "uma das mais versáteis e refinadas tecnologias de poder na América"[41]:

> País duma larga expansão colonial e duma larga difusão linguística: as colónias e o Brasil são o terreno, onde devemos querer principalmente espalhar o nosso lusitanismo. […]
>
> O Brasil fala português e só por isso tem de amar Portugal, porque o amor exprime-se ou morre, e a sua expressão no Brasil faz-se em língua portuguesa. Mas é necessário que nesse grande país sejamos conscientes e voluntariamente amados, não só pela língua que falamos, mas pelas formas de cultura que nessa língua vamos exprimindo e que falarão à alma brasileira pelo que tenham de humano, e até à sua tradição pelo que tenham de bom e sério lusitanismo. Eis destinos largos para o voo largo duma alma forte[42].

Por três vezes, Leonardo Coimbra projeta conferencias no Brasil que nunca se concretizam. Em 1911, Leonardo anuncia um programa de vinte e quatro conferências a proferir nas principais cidades do Brasil e da Argentina, sobre a ciência, a literatura e a idiossincrasia religiosa do povo português, a que o jornal portuense *A Montanha* dá destaque[43].

---

[40] Despacho (11.5.1919). D.G., 2ª série, nº 110, 14.5.1919, p. 1575. In *CCDE*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994, p.375. (nota incompleta).

[41] "Maping Hispanism". *Ideologies of Hispanism*. Ed. Mabel Moraña, Hispanic Issues, vol. 30; Nashville, Tennessee, Vanderbilt University, 2005, p.X.

[42] *O Problema da Educação Nacional* (Tese apresentada ao Congresso da Esquerda Democrática realizado em 1926). Porto: Edição de Marânus, 1926, pp.38-39.

[43] *A Montanha*, Porto, ano I, nº 132, 2 de agosto de 1911, p. 1. Também reproduzido por Pinharanda Gomes e Paulo Samuel in *CCDE*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994, p. 41. Este periódico destaca-se, a partir de 1915, pela oposição a uma "harmonia ibérica" perpetrada por Afonso Costa.

> É o seguinte o plano da vinte e quatro Conferências que este nosso amigo, ilustre professor do Liceu Rodrigues de Freitas e eloquente orador, projecta realizar nas principais cidades do Brasil e República Argentina:
>
> O povo Português e a sua religiosidade.
>
> O pragmatismo e o pensamento filosófico americano.
>
> Coelho Neto e a sua obra. Ingnieris[44] [sic] (na República Argentina) e a sua obra.
>
> O Criacionismo filosófico do conferente.
>
> Literatura, ciência e arte:
>
> A literatura portuguesa. (Série de 14 conferências)
>
> Poesia: Poetas filosóficos: Antero, Junqueiro, João de Deus, Teófilo Braga.
>
> António Nobre, Fausto Guedes Teixeira, João de Barros, Pascoaes, Correia d'Oliveira, Lopes Vieira, Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, João de Deus, filho, e Augusto Gil.
>
> Prosa: - Camilo, Eça, Fialho e Júlio Diniz. Os prosadores novos.
>
> A filosofia: - Antero, Bruno e Teófilo. (3 conferências)
>
> A ciência: - Basílio Teles, Gomes Teixeira e Júlio de Matos.
>
> Literatura científica e didáctica liceal: - Albuquerque, Aquiles Machado, etc.
>
> É, como se vê, desenvolvidíssimo, e sobre todos os pontos de vista interessante o programa elaborado pelo ilustre conferente, um dos vultos de maior valor da moderna geração, devendo resultar feliz a tentativa, dada a reconhecida competência de quem incumbe leva-la a cabo[45].

A segunda oportunidade de se deslocar ao Brasil, data de 1922, aquando do convite que o pensador recebera do governo português para representar Portugal nas festas do centenário do Brasil, integrando a comitiva do Presidente António José de Almeida. Em entrevista a Ângelo César, intitulada "No segredo dos deuses", o advogado e escritor portuense transmite aos leitores as expectativas, do foro intelectual e filosófico, que Leonardo deposita nesta viagem:

> Sair da velha Europa, atravessar o equador, é já quase como ir ver o planeta. Novas praias, novas constelações, tudo isso o deve encantar. Para quem como ele, tem por ente mais querido a árvore, não pode deixar de alegrar-se por ir visitar a natureza fecunda das terras de Santa Cruz. E depois, diz-me o Dr. Leonardo Coimbra, há uma sensação nova que nós aqui não podemos ter: - o sagrado horror à floresta! E

---

[44] Gralha do jornal. Trata-se de José Ingenieros, filósofo argentino.

[45] "Programa de Conferências no Brasil". *A Montanha*, Porto, ano I, nº132, 2 de agosto de 1911, p.1.

> anima-se, os seus olhos dizem a alegria que devem sentir em verem o Cruzeiro do Sul, sem ser numa carta cosmográfica[46].

Todavia, vendo-se privado da companhia de Guerra Junqueiro, poeta convidado mas impedido de viajar por motivo de doença, Leonardo recusa o convite que lhe foi insistentemente endereçado pelo "Ministro dos Estrangeiros", acabando por responder que não partiria sem Teixeira de Pascoaes nem Raul Brandão[47]. Não obstante, as travessias aéreas, realizadas entre Portugal-Brasil, em 1922, e entre Portugal-Macau, em 1924, merecem do pensador um discurso de glorificação das qualidades portuguesas, referindo-se aos "Gamas deste século …que levam em suas asas a glória de um povo"[48].

Já em 1924, ano em que se inaugura a Cadeira de Estudos Brasileiros na Faculdade de Letras de Lisboa[49] e se estabelecem acordos comerciais entre os dois países[50], o filósofo recebe novo convite para proferir conferências no Brasil: "- Aqui irei, mas por pouco tempo. Tenho uma espécie de nostalgia do Brasil como se fosse também um pouco da minha terra e nunca lá fui"[51]. O conteúdo das suas intervenções incide sobre a divulgação da cultura portuguesa: "Irei falar da paisagem e da alma de cada uma das nossas províncias, da nossa vida mental, do nosso espírito agora renascendo na Arte e na Filosofia para novas formas de vida e de beleza"[52]. Postas, uma vez mais, todas as esperanças neste evento, a entrevista termina com a elucidativa frase proferida por um amigo comum ali presente: "a Terra de Ninguém será pequena para comportar todos os amigos que em grande número acompanharão o dr. Leonardo Coimbra"[53]. Porque, afinal, no dizer de Sant'Anna

---

[46] "Entrevista: no segredo dos deuses". *CCDE*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994, p.118.
[47] Idem.
[48] "Glória a Portugal Eterna!". *A Tribuna,* Porto, ano III, nº798, 3 de dezembro de 1922, p.1. Nesta edição do periódico portuense são incluídos outros contributos como os de António José de Almeida, Magalhães Lima e Luís Cardim. In *Dispersos V* - Filosofia e Política. Lisboa: Editorial Verbo, 1994.
[49] Queiroz Veloso, Diretor da Faculdade e o titular da cadeira Manuel de Sousa Pinto, recebem o Embaixador do Brasil, Cardoso de Oliveira para a referida inauguração realizada a 2 de fevereiro.
[50] Acordo Postal Luso-Brasileiro, para a redução de taxas na permuta de livros e jornais, firmado a 18 de outubro e precedido pelo Acordo Comercial (não ratificado) entre Portugal e Brasil, assinado a 25 de julho de 1923.
[51] "Entrevista; sobre o ensino religioso". *A Montanha*, Porto, ano XIV, nº4219, 24-7-1924, p.1. *CCDE*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994, pp.178.
[52] Idem.
[53] Idem.

Dionísio "Quem poderá invocar com mais elevação o belo e longínquo Brasil do que o Tribuno de verbo inspirado e voz límpida, […]?"[54].

Notas conclusivas

O fascínio leonardino pelas terras brasileiras, de cariz histórico, antropológico e metafísico-idealista, reside na mitificação do passado e na esperança saudosa de uma comunhão futurante, atribuindo aos dois povos protagonismo num destino histórico comum. Parece-nos, pois, pertinente, hoje evocar a ação do movimento das Renascença Portuguesa e, em particular, do seu pensador Leonardo Coimbra em defesa de uma aproximação luso-brasileira, tendo em conta a atual discussão em torno da lusofonia como plataforma identitária e estratégica em benefício do desenvolvimento e bem-estar de povos unidos por laços de sincera fraternidade.

Bibliografia citada

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism.* London: Verso,1993.
ASHCROFT, B. et al.. *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. Londres: Routledge, 1998.
ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais de. "As relações culturais Luso-Brasileiras em perspetiva: da génese do ideário de comunidade à fundação da Revista Brasília (1822-1942)", Revista Portuguesa de História, t. XLVI (2015), pp. 281-300.
BORGES, Paulo. *Do Finistérreo Pensar*. Lisboa: INCM, 2001.
BRAGA, Teófilo. *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*, vol. I. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1892.
BRUNO, Sampaio*. O Brasil Mental.* Porto: Lello Editores, 1997.
COIMBRA, Leonardo. *O Problema da Educação Nacional* (Tese apresentada ao Congresso da Esquerda Democrática realizado em 1926). Porto: Edição de Marânus, 1926.
_____*Dispersos I - Poesia Portuguesa*. Lisboa, Editorial Verbo, 1983.

_____ *Dispersos III - Filosofia e Metafísica*. Compilação, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel. Nota preliminar de Francisco da Gama Caeiro. Lisboa: Editorial Verbo, 1988.
_____ *Dispersos V* - Filosofia e Política. Lisboa: Editorial Verbo, 1994.
GOMES; Pinharanda, SAMUEL, Paulo. *Cartas, Conferências, Discursos e Entrevistas*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1994.
JONES, Branwen G. "Race in the Ontology of International order". *Political Studies*, vol. 56, 2008, pp.907-927.
MONTEIRO, Adolfo Casais. *Leonardo Coimbra: Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1950.
JUNQUEIRO, Guerra. *Prosas Dispersas*. Porto: Chardron, 1921.
LAPLANTINE, François de. *Les trois voix de l'imaginaire: le messianisme, la possession et l'utopie.* Étude Ethnopsychiatrique. Editions Universitaires, 1974.
MORAÑA, Mabel. "Maping Hispanism". *Ideologies of Hispanism*. Ed. Mabel Moraña, Hispanic Issues, vol. 30; Nashville, Tennessee, Vanderbilt University, 2005, pp. IX-XXI.
MÜLLER, Fernanda Suely. *(Re)vendo as Páginas, (Re)visando os laços e (Des)atando os nós: as relações literárias e culturais luso-brasileiras através dos periódicos portugueses (1899-1922).* Tese de Doutoramento em História. São Paulo, 2011.
OLIVEIRA, Alberto de Oliveira. *Palavras Loucas*. Porto: Livraria Civilização, 1984.

[54] "Pesquisa e definição anímica das pessoas e dos povos". *Leonardo Coimbra. O Filósofo e o Tribuno.* Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 307.

PEREIRA, Henrique Manuel S.. "Guerra Junqueiro e o Brasil. Diálogo e Recepção da Obra". *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos 1850-1950.* Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda; Porto: Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto, 2002, pp. 127-162.
QUADROS, António. *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista.* Lisboa: Guimarães Editores, 2001.
RIO, João. *Portugal d'Agora: Lisboa, Porto, notas e viagem, impressões*. Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, 1911.
SANT'ANNA DIONÍSIO. *Leonardo Coimbra. O Filósofo e o Tribuno.* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985.
SERBENA, Carlos Augusto. "Imaginário, Ideologia e Representação Social". Nº52, dezembro 2003, pp.1-12.
WENDT, Alexander. *Social Theory of International Politics*, 14th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.